

ou de exportação do açúcar. Mas as que encontrou atestam a importância dessa cultura, ponderável e predominante na economia paulista até meados do século passado. Assim, pode-se afirmar, sem temer exageros, “que na época que nos interessa todos os bairros ou povoados do “quadrilátero” tiveram praticamente sua origem ou desenvolvimento ligados à cana. Povoados e vilas foram criados e estimulados com os lucros proporcionados pelo açúcar. Basta lembrar, como exemplo, o caso de Campinas, além de outros aglomerados mencionados no capítulo referente às áreas. Com o correr do tempo, obrigados a se expandirem para o oeste, os canaviais prepararam a infra-estrutura econômica que permitiu depois a rápida penetração dos cafezais. O engenho e o canal impregnaram a paisagem, transformando-a completamente” (pág. 225). Precioso me pareceu o quinto tópico do capítulo oitavo, em que estuda as estradas do açúcar, as tropas e os ranchos. Colhendo informações preciosas, à vista de valiosa documentação, apresenta-nos excelente panorama dos transportes e comunicações ligadas à atividade açucareira, outro assunto sobre o qual escasseiam os dados (págs. 186 a 222). Os viajantes estrangeiros que no século passado percorreram São Paulo (Mawe, Saint-Hilaire, Kidder, entre outros) constituem documentos preciosos para o conhecimento da vida paulista da primeira metade do século passado. Pena que, não tendo São Paulo naquela época a mesma importância de outras províncias, muitos outros viajantes ilustres que perambularam o Brasil não se dignaram visitar a nossa província, preferindo viajar pelo nordeste e norte ou simplesmente pelo litoral do país. Mas Saint-Hilaire, vindo de Goiás e seguindo para o sul (fazendo, pois, o contrário de quase todos os outros viajantes), deixou precioso informe sobre o passado paulista, que foram largamente utilizados pela autora do presente ensaio. “Fonte inestimável para a reconstituição da vida paulista”, diz a Professora Petrone do grande botânico francês que tão bem soube compreender e sentir nosso país.

Conseguiu a Professora Maria Thereza Schöerer Petrone com este volume em boa hora editado pela Difusão Européia do Livro, aquilo que, a meu ver, constitui a aspiração máxima de um autor: publicar um livro que não pode ser ignorado. Com efeito, ela será doravante de consulta obrigatória para quem se interessar pela história de São Paulo, pois veio elucidar, segundo suas próprias palavras, “um período da história paulista pouco conhecido e que liga a fase do bandeirismo ao ciclo do café”.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\* \*  
\*

AMARAL (Brenno Ferraz do). — *José Bonifácio*. São Paulo. Editôra Martins. 1968. 200 páginas.

Trata-se de obra póstuma, pois seu autor faleceu em 30 de julho de 1961, num momento em que se interessava vivamente pela vida e pela obra do grande Andrada, chegando a publicar na imprensa boa parte do material reunido para a formação do presente volume. Pela coordenação do livro, responde Pedro Ferraz do Amaral, irmão do autor. A obra dá ênfase especial ao período da formação de José Bonifácio, em geral descuidado pelos seus biógrafos. Em apêndice, anexou-se artigo em que o autor reivindica para José Bonifácio a autoria

da bandeira brasileira (a do Império), tese também sustentada por Raimundo Teixeira Mendes em artigo publicado na imprensa do Rio de Janeiro em 1889, e que também é transcrito neste volume. Breno Ferraz do Amaral agitou com bastante antecedência a lembrança das comemorações do bi-centenário andradino, em 1963. Não sobreviveu para poder assistí-las. Mas seu livro ficou como uma homenagem e como uma contribuição àquela efeméride, que a Livraria Martins acolheu como todo o carinho, embora, certamente por motivos ponderáveis, a publicação não pudesse ser feita na devida ocasião.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\* \*  
\*

RAMIREZ (Ezekiel Stanley). — *As relações entre a Áustria e o Brasil*. Tradução e notas de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo. Editora Nacional. 1968. 262 páginas (Coleção "Brasiliana", nº 337).

Obra que se recomenda como modelo de pesquisa e interpretação histórica. O autor focaliza, com documentos de boa fonte, o desenvolvimento das relações diplomáticas, culturais, comerciais, etc. entre o Brasil e o Império dos Habsburgos no período que vai de 1815 à proclamação da República. Como é natural, dedica numerosas páginas ao interesse evidenciado por Metternich na formação da monarquia basileia, e ao casamento de D. Pedro I com D. Leopoldina d'Áustria. Outro aspecto do tema, raramente focalizado, é o da emigração austríaca para o Brasil. As informações contidas sobre este assunto abrem perspectivas para novos estudos sobre o problema.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\* \*  
\*

LUZ (Nícia Vilela). — *A Amazônia para os negros americanos: as origens de uma controvérsia internacional*. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro. Editora Saga. 1968. 190 páginas.

Vem de longe a cobiça internacional em torno da Amazônia. As viagens de La Condamine e de Humboldt chamaram a atenção do mundo para aquela extensa região, praticamente inaproveitada durante boa parte do período colonial, apesar das grandiosas perspectivas que se lhe anteviam, especialmente após a era pombalina. O mundo dito civilizado não se conformava em ver tão grande região dependendo de países de poucos recursos e toda uma campanha foi empreendida para a abertura do grande vale ao comércio internacional. De simples interesse comercial passa-se facilmente a pretensões mais ousadas e defender-se contra essas pretensões tem sido — lembra a Professora Nícia Vilela Luz — "uma constante na história da Amazônia". Para acrescentar: "A escassez de recursos, tanto materiais quanto humanos, dos países a que pertence tem impedido e dificultado o seu desenvolvimento e a região tem se apresentado assim como um vazio a atrair a cobiça de nações mais fartas em meios de explorá-la. Reivindicam estas, em nome do bem estar da humanidade, o direito de abrir ao mundo a região ainda deserta e colocar ao seu dispor a riqueza que encerra.